

O EROTISMO NA DRAMATURGIA POÉTICA DE FEDERICO GARCÍA LORCA. EROTICISM IN THE POETIC DRAMATIC WORKS OF FEDERICO GARCÍA LORCA

Irley Machado
Universidade Federal de Uberlândia
irley_machado@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo do presente artigo é analisar o erotismo que se manifesta na dramaturgia poética de Garcia Lorca. Dramaturgia em que os seres são passionais e o sofrimento que experimentam é apenas o resultado de desejos em que a vida se manifesta e a paixão se torna fatalidade. Nestes personagens encontra-se um velado erotismo. Em Lorca o poema erótico não significa necessariamente um poema que trate do amor. O aspecto poético e erótico de seu teatro vem sendo pesquisado a partir dos estudos iniciados por Marie Lafranque, entre outros. Seu teatro situa com precisão dramática a oposição irreduzível entre o sonho e a realidade. Há em sua obra um equilíbrio delicado entre prosa e poesia, sonho e realidade, erotismo e misticismo. O erotismo encontrado em sua obra transcende sua temática e exerce uma atração quase mística no leitor-espectador. Sua poesia erótica é feita de sentimentos e sensações. Sóbria e discreta, plena de prazer e dissolução, seu silêncio é mais eloqüente e forte que toda ênfase ostentatória da paixão. Com este trabalho pretende-se analisar o componente erótico encontrado em seu texto teatral *Bodas de Sangre* situando-o em relação a outros textos teatrais do autor.

Palavras-chave: Federico García Lorca, erotismo, dramaturgia.

Abstract

The aim of the present article is to analyse eroticism as it is manifested in the poetic dramatic works of García Lorca. In that drama, the involved beings are passionate and the suffering they undergo is nothing but the result if desires in which life manifests itself and passion becomes fatality. There is a veiled eroticism is in these characters. In Lorca the erotic poem does not necessarily encompass love. The poetic and erotic aspects of his plays have been researched from the studies initiated by Marie Lafranque, amongst others. His theatre situates, with dramatic precision, the irreducible opposition between dream and reality. In his works there is a delicate balance between prose and poetry, dream and reality, eroticism and mysticism. The eroticism found in his works transcends his themes and exerts an almost mystical attraction on the reader-spectator. His erotic poetry is made of feelings and sensations. Sober and discreet, full of pleasure and dissolution, his silence is more eloquent and stronger than all the ostentatious emphasis of passion. This paper intends to analyse the erotic component found in his theatrical text *Bodas de Sangre* situating it in relation to other theatrical texts by the same author.

Key-words: Federico García Lorca, Eroticism, Drama.

Quando ao mais antigo dos poetas gregos se perguntava porque a arte e a poesia existiam, a resposta mais freqüente era: para dar prazer. Embora a poesia possa ser um meio de transmitir aos homens verdades importantes, ela deve dar prazer antes e acima de tudo. O poeta deve então ser um bom artesão da palavra, um conhecedor da medida poética e do agenciamento das palavras capazes de produzir um texto sensível e fonte de deleite para a alma.

A literatura clássica, inspirando-se na poesia grega, instaura o culto da precisão. Nenhum poema nesta literatura fica inacabado embora isto aconteça seguidamente na poesia moderna. Federico García Lorca, neste sentido parece aproximar-se muito mais da idéia que se tem da poesia grega, do que da poesia moderna. Para os gregos tudo aquilo em que faltasse clareza não merecia elevar-se ao domínio da arte. A arte então, na concepção grega não existe para expressar um sentimento mas apenas para expressar a beleza. Apenas a tragédia, com suas lamentações rituais, podia expressar as paixões humanas, paixões que compreendiam a não formulação de julgamentos morais. O estado de paixão em que o homem perde completamente a razão, em que ele perde o controle de si mesmo e que rebaixa o homem ao animal, para os gregos é conhecido como o estado de $\alpha\tau\epsilon$ – $\square\square\square$ até ou seja cegueira.

Para os gregos, a paixão – a cólera, o desespero, o amor – era considerada apenas um estado objetivo, importante enquanto substância da vida e, sem a qual esta não poderia existir. Um estado cuja gênese é tão misteriosa quanto a própria vida. As paixões seriam dadas pelos deuses, e assim não seriam nem boas, nem más. Como a tempestade na montanha uma paixão é algo inquietante – que retira do homem todo o controle, ou como diz Zygmunt Kubiak “O homem não tem nenhum direito a não ser esmagado.”¹

Ligado a paixão encontramos o deus **Eros** do grego Ἔρως ($\square\square\square$ Éros) cuja etimologia é derivada do verbo ἔρασθαι (érasthai) que significa estar inflamado de amor consoante Junito de Souza Brandão. (Brandão, 1991, p.356). Personificado, Eros torna-se o deus do amor e enquanto deus é a força que garante a continuidade da espécie e a coesão interna do cosmos.□

Para Platão, Eros é um demônio, intermediário entre os deuses e o homem e, como o deus do amor torna-se o elo intermediário que une o todo a si mesmo. Segundo o filósofo Eros foi concebido por Póros e Penía², no banquete em que se celebrava o nascimento de Afrodite. Tendo recebido a característica parental dupla, pobre e longe de ser delicado e belo, é duro, seco, vive descalço e sem morada. No entanto, enquanto filho da pobreza sabe “articular” para atingir seu objetivo *a plenitude*. Longe de ser um deus todo-poderoso, Eros é muito mais uma ἐνέργεια (enérgeia) uma energia, perpetuamente insatisfeita, em busca da plenitude.

¹ Zygmunt Kubiak. La poésie grecque in $\Delta\Upsilon\chi\nu\omicron\sigma$, *Connaissance Hellénique*. Aix en Provence : CNRS, Avril 2006, nº 107, pg. 10 a 18. « L'homme n'a aucun droit à ne pas être écrasé. » (Nossa Tradução)

² Personificações da riqueza (que também pode ser entendida como expediente e/ou a capacidade de articular) e da pobreza.

Uma outra genealogia atribui a filiação de Eros a Afrodite Pandemia e a Hermes, representado por um Eros alado que foi o preferido dos escultores. Aos poucos sob a influência dos poetas Eros foi sendo representado como um garotinho louro com asas, mas, sob a máscara do menino que nunca cresce (pois sabe-se que a idade da razão, ou o logos, é incompatível com o amor) esconde-se uma energia difícil de controlar, um deus terrível, , “sempre pronto a trespassar com suas flechas certeiras, envenenadas de amor e paixão, o fígado e o coração de suas vítimas...” (Brandão, 1991, p.357)

Eros simboliza pois o “amor” que se diverte com as pessoas que domina e das quais se apossa. Para Platão Eros é ainda o “nascimento na beleza” mas é um nascimento que traz consigo toda a alegria e tormento da criação além do suplício do inferno e a beatitude do paraíso.

O erotismo está pois, diretamente ligado a paixão humana, embora ele não apareça, necessariamente, em todas as paixões humanas: ele pode não estar presente na cólera, no desespero e muitas vezes não estar nem mesmo ligado ao amor, entenda-se aqui o amor que envolve a sexualidade. Para Durigan “o erotismo pode ter diversas definições dependendo da contextualização em que se encontra, uma vez que as representações culturais não possuem uma natureza fixa e imutável”. (1985, p.7).

Falar do erotismo na dramaturgia de Federico Garcia Lorca, exige, pois, um alargar de nosso pensamento, para entender este erotismo num sentido mais universal do que ele é naturalmente visto. Não se deve confundir erotismo com pornografia, ele se distingue dela pelo seu caráter estético, mas sobretudo, por seu simbolismo místico, de união com o todo, uma união mais íntima e espiritualizada.

A fascinação que exerce sobre nós a poesia de Lorca se encontra no desnudar brutal de forças misteriosas, ocultas na natureza, forças que transcendem os seres e se afrontam através deles. Sua poesia produz imagens saídas diretamente do inconsciente, daí o misticismo que nela encontramos e que supera toda a estética de sua própria arte.

Toda a obra de Lorca é altamente sinestésica. Ela toca nossos sentidos, e nos faz descobrir a pulsão erótica sem a qual a vida seria impossível. As associações de idéias são ricas e as metáforas bem incorporadas, como se o poeta nos descrevesse uma paisagem de cheiros e sabores elementares, penetrantes e perturbadores. É nesta paisagem que se manifesta seu conteúdo erótico, que vai além do sexual e encontra-se ligado as sensações que sentimos quando estamos em contato com nossa natureza mais profunda.

O autor passa sucessivamente de realidades internas à realidade externa e elimina as contradições entre a ação e o sonho, assim cria imagens audaciosas capazes de forçar o senso comum. Sua poesia híbrida, mas autêntica, (clássica pela forma, popular

pela temática) se abre sobre os ritmos populares e os ecos de uma tradição. Ele associa à luminosidade de seu país, uma plenitude de vida e certas sonoridades orientais ou como diz Carlos Spinedi :

É finalmente um mundo mítico e mágico, com características diurnas, onde irrompem monstros pouco monstruosos,... enquanto uma corte de anjos e arcanjos... vão e vêm, velam, acompanham, conduzem ... e afirmam os milagres por sua presença.³

Lorca serve-se da poesia em sua dramaturgia de uma forma orgânica. Em seu teatro a poesia não se dá apenas no plano dos diálogos, mas é sugerida por meio de imagens sinestésicas como já afirmamos.

Encontra-se em toda sua obra um sentimento, uma força que o autor denomina de “duende”. O “duende” para Lorca é uma forma de energia, uma força mística, profundamente ligada a música e a um lirismo trágico e faz parte da alma espanhola em constante contato com a vida e a morte. Morte esta que não é, em absoluto, a negação da vida, mas denúncia desta paixão de viver que caracteriza o espanhol, um poder misterioso que todos sentem e que ninguém explica. Um poder que se caracteriza mais pelo lutar, do que pelo pensar, uma questão de sangue, de cultura ancestral, de criação, “o espírito da terra”. Como define o poeta este “duende” é

[...]o mesmo duende que abraçou o coração de Nietzsche, que o buscava em suas formas exteriores sobre a ponte do Rialto ou na música de Bizet, sem encontrar e sem saber que o duende que o perseguia havia saltado dos mistérios gregos às bailarinas de Cádiz ou ao dionisíaco grito degolado da siguriya de Silvério.(Lorca,2000,p.111)

Há momentos em que a obra de Lorca parece difícil de ser apreendida em seu todo, devido a capacidade única do poeta de abraçar os contrários e de incendiá-los até o paroxismo. Para ele “todas as coisas tem seu mistério, e a poesia é o mistério de todas as coisas”. (Apud Lafranque, 1967, 68)

Lorca parece encarnar a franca sensualidade de sua obra, o poder fascinante de suas palavras e o sentido inequívoco dos dramas que escreve. É nesta relação com o “duende” que vai se configurar o erotismo que aparece em sua dramaturgia. Este erotismo apresenta-se ligado a terra, ao fogo, ao sangue, a uma força pagã e pura em sua essência e pulsão necessárias à vida.

A poesia erótica é um todo, e da mesma forma que o amor é forte como a morte. Feita de lógica e de sonhos, de sentimentos e sensações, de todo um élan e de aspirações internas da existência. Todo acontecimento existencial, autêntico, não se

³ SPINEDI, Carlos. “Lorca, Elytis et la méditerranée » in *ΔΥΧΝΟΣ* – Connaissance Hellénique. Aix-en-Provence, N ° 81 - octobre 1999, p. 24. « C'est finalement un monde mythique et magique, aux caractéristiques diurnes, où font irruption des monstres peu monstrueux..., tandis qu'une cohorte d'anges et d'archanges... vont et viennent, veillent, tiennent compagnie...et certifient les miracles par leur présence. » Nossa tradução.

encontra jamais na análise, mas na síntese. Como o amor é uma experiência vivida, uma totalidade plena de prazer e dissolução. Em Lorca a presença da poesia erótica em seus dramas, é sóbria e discreta, cujo silêncio é mais eloqüente e mais forte que toda ênfase ostentatória da paixão. Sóbria em seu lamento mudo e de uma força ensurdecadora em sua harmonia bipolar. Embora o texto erótico possa receber diferentes significações como conclui Durigan “o erotismo não imita a sexualidade, é sua metáfora” (Durigan, 1985, p.08).

Muitas das imagens eróticas que Lorca evoca em sua obra vêm igualmente carregadas de um simbolismo ígneo. O fogo, que segundo Gaston Bachelard, é objeto de uma interdição geral, uma interdição social. O fogo que não apenas aquece, mas que queima e é capaz de destruir tudo o que toca.

Em *Bodas de Sangre*, um de seus textos mais carregados de erotismo, este vem disfarçado em fogo e sangue. A fusão panteísta do homem com o cosmos se obtém pelo preço do sangue derramado, embora o sangue possua algo de intolerável e, vê-lo possa significar uma transgressão absoluta. É aqui que os devaneios do poeta sobre o fogo atingem sua maior transformação: líquido e depois chama devoradora, parece-nos que o imaginário de Lorca une-se aos devaneios elementares, os mais primitivos e míticos ligados ao elemento fogo. Em *Bodas* o despertar erótico dos jovens é um incêndio que os consome e que os conduzirá a um destino fatal.

O personagem Leonardo sabe, quando diz:

Fogo com fogo se abrasa.
A mesma chama pequena
mata dois juncos unidos. (Lorca, 1984, p. 128)

Um pouco antes Leonardo justificara sua paixão através de verso cheio de sensualidade. Sensualidade esta que revela bem a ligação desta vivência erótica com o princípio cósmico da natureza ao dizer :

Juro que não tenho culpa,
que a culpa é toda da terra
e do perfume que têm
os seus seios, suas tranças. (Lorca, 1984, p.126)

Aqui, mais uma vez, o poeta se supera: à sobriedade com que revela o erotismo do personagem liga-se a terra, e ao cheiro do corpo que faz pulsar nele este descontrolado desejo de vida e morte. Para o poeta o sagrado jaz no coração da própria natureza: são as forças do cosmos que regem e presidem o destino dos homens.

As mulheres de Lorca são seres de paixão e fogo. Nelas se manifestam as forças da vida e da morte. Submissas às forças que as habitam, é o fogo interior que as anima, que lhes confere este caráter sensual e místico. É a noiva que diz: “Como nos

consumimos todas, sai fogo destas paredes” (p. 60), e ainda : “Eu não devia lhe falar. Mas a minha alma se abrasa porque você vem me ver...” (p. 68) “Só de vê-lo um fogo já me consome” (p. 128). O fogo interno se propaga no espaço em que vivem os personagens e o simbolismo presente se acentua à medida que o texto e a poesia vão ampliando gradativamente o círculo trágico que encerra os personagens, como diz Goethe “O que está por dentro está também por fora” (Apud Bachelard, 1999, p. 12).

Suas mulheres vivem em um mundo masculino, que irrompe constantemente sobre elas como uma fatalidade trágica destrutiva. São personagens arrastadas pela opressão aos seus impulsos mais vitais e, tornam-se seres fora de controle.

Em *Yerma*, drama em que a personagem que dá título à peça é dominada pelos princípios controladores do Eros, impossibilitada de gerar um filho, assume uma esterilidade muito mais psicológica do que física.

Contraopondo-se a ela, a velha pagã diz simplesmente: “ Deitei-me de costas e comecei a cantar, os filhos chegam como água” (Lorca, 2000, p.26) e, o erotismo presente em sua fala alcança uma chama mística que deixa de ser apenas carnal e se torna espiritual, de um profundo abandono a natureza cósmica que rege todas as coisas. Em Lorca as imagens de fecundidade abundam no mundo camponês. A entrega voluntária e prazerosa ao Eros faz com que a vida brote. Na realização primeira da pulsão erótica cria-se um laço indissolúvel de intimidade com o princípio vital humano e a continuidade da vida. Sem os freios controladores de uma sociedade que tenta regular o próprio princípio ordenador da vida, a velha pagã em Lorca, camponesa que vive em estreito contato com a terra e a natureza, sabe que a única forma de manter a energia e a harmonia de sua própria natureza feminina reside nesta entrega voluntária, não submissa, mas participativa ao poder de “Eros”.

Lorca, em sua obra, faz reviver os ritos. Em *Yerma*, ao pé da montanha se encontra a torrente onde lavam as lavadeiras, as oliveiras sob as quais a Velha pagã fazia amor cantando; e eis ainda a pradaria ao redor da ermida montanhosa de Yerma, onde as formas cristãs convivem com ritos e práticas perpetuadas pelas sociedades agrárias antigas, como na célebre peregrinação a Moclin, na Serra Granadina, que Lorca e seus familiares conheceram. O ritual ligado a peregrinação a aldeia de Moclin resgata a união sagrada do homem com a terra, originário da tradição ancestral do hierogamos, em que a *virgem da primavera* era dada em casamento ao *gamo-rei* numa cerimônia de fertilização da terra.

Lorca parece possuir um sentido do sagrado que dá a cada ato humano uma significação profunda, ou como diz Claude Leibenson: “A angústia de Lorca se perde na

imensidade de forças cósmicas que animam o mundo e atravessam os seres. Assiste-se, fascinado, as bodas ensangüentadas do céu e da terra.” (Leibenson, 2006, p. 51)⁴.

Em *Bodas de Sangre*, o personagem da Noiva é uma mulher de fogo. A fatalidade gravita em torno dela. Seus sentidos se entregam a embriagues da paixão. Ela diz

Eu dormirei a seus pés
para guardar os seus sonhos.
Nua, quieta, olhando o campo,
igual a uma cadela.
Isso é o que eu sou! Só de vê-lo,
um fogo já me consome. (Lorca, 1984, p.127)

O poeta, assombrado pelo duende que o habita, parece não precisar fazer nenhum esforço, nem deixar explícito através de palavras o erotismo que privilegia. Conhecedor da natureza feminina em profundidade, pois que a sente em sua própria alma, é através de uma ótica feminina que torna presente o erotismo, pelas imagens evocadas. Suas heroínas manifestam o calor de seu sangue, sangue que pode ser gelado quando o homem não corresponde a este fogo abrasador que as consome. Assim, a personagem Yerma, sabe que é a frieza do marido a única responsável por sua esterilidade e confia-se a velha rezadora:

Quando nos deitamos à noite ele cumpre com seu dever, mas reparo que é frio como se estivesse morto; e eu, que sempre tive repulsa das mulheres ardentes, queria ser naquele instante uma montanha de fogo. (Lorca, 2000, p. 70)

Yerma é a própria terra insaciada, com um imenso desejo de plenitude, de fecundidade e vida, que aguarda a umidade fertilizante para poder erguer-se acima da monotonia de sua existência. É impressionante o que Lorca faz com a poesia em um texto dramático. O erotismo que ele trás para o texto aparece apenas refletido como uma imagem num espelho. Ele está lá, ele está presente, mas é um erotismo sentido que nos penetra pela planta dos pés e nos invade inteiro. Quando Yerma desabafa com sua amiga Maria, o texto vem carregado desta força, desta pulsão erótica presente na natureza da vida animal e da qual ela se sente excluída. O personagem diz:

Estou ofendida, ofendida e humilhada ao extremo, vendo que os trigos despontam, que as fontes não cessam de manar água em abundância, e que as ovelhas parem centos de cordeiros e as cadelas, e que parece que o campo inteiro me mostra suas crias tenras, adormecidas, enquanto eu sinto golpes de martelo, aqui no lugar onde deveria sentir a boca de meu filho. (LORCA, 2000, p.57)

⁴ Claude Leibenson. *Federico Garcia Lorca, Images de feu, images de sang*. Paris: L'Harmattan, 2006, p.51 "L'angoisse même de Lorca se perd dans l'immensité des forces cosmiques qui animent le monde et traversent les êtres. On assiste, fasciné, aux noces sanglantes du ciel et de la terre. » Nossa Tradução.

A intensidade da fala revela o erotismo subjacente que se oculta na espera da protagonista. As forças anônimas da terra, a matéria da qual somos feitos e que constantemente com sua potência nos arrebatam irrompendo em nós, tudo isto constitui a verdadeira intensidade erótica que se comunica e se expressa aqui. A chama do prazer negado se converte num sofrimento lancinante. Mariana Pineda, outra heroína de Lorca diz: “Eu sinto queimar na própria chama viva em meu peito, uma rosa de sangue”. (Lorca, 1965, p.1100)

Igualmente a personagem Adela, da *Casa de Bernarda Alba* vivencia a força de “Eros” manifestada em sua juventude. Possuída por este “deus” brincalhão e cruel, sentindo-se queimar, quase em estado de transe afirma: “Ya no aguanto el horror de estos techos después de haber probado el sabor de su boca. Seré lo que él quiera que sea.” (Lorca, 1965, p.1528). Em sua discussão com a criada La Poncia, Adela revela ainda este furor que a assalta:

Es inútil tu consejo. Ya es tarde. No por encima de ti, que eres una criada; por encima de mi madre saltaría para apagar me este fuego que tengo levantado por piernas y boca. Mira a ver si puedes agarrar la liebre con tus manos. (Lorca, 1965, p.1482).

Em Lorca, encontra-se, pois todo o erotismo e sensualidade da velha terra andaluza, impregnada da magia cigana e do milagre do mundo natural em que plantas, animais e homens nascem, se reproduzem e desaparecem numa serena indiferença. A linguagem das fontes, das cigarras revela uma verdadeira religião naturalista. A poesia em seu teatro vem carregada deste temperamento apaixonado, sensual com o qual o poeta experimenta a necessidade vital de fundir-se e de expandir-se segundo a vontade de seu instinto de homem e poeta. O erotismo na dramaturgia de Lorca não é explícito ele é como diria Barthes “a intermitência da pele que cintila entre duas peças”.(Barthes, 1973, p.44).

A obra de Lorca, forte e emocionante, carregada desta força erótica interdita, se funda sobre uma tríade de forças naturais: o desejo, o amor e a morte. É uma obra em que a tragédia é total, cósmica, sem paliativos, absoluta como em Shakespeare ou Calderón. Como a tragédia de um erotismo vivenciado pelo poeta, ele também um erotismo interdito, e como sua própria morte, uma morte trágica e injustificada.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
 BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva 1973.
 BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
 DIAZ-PLAJA, Guillermo. *Federico García Lorca*. Buenos Aires: Espasa Calpe, 1955
 EICH, Christoph. *Federico García Lorca, poeta de la intensidad*. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1970.

- DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e literatura*. São Paulo: Ática, 1985.
- KUBIAK, Zygmunt. La poésie Grecque in *ΔΥΧΝΟΣΣ Connaissance Hellénique*. Aix en Provence : CNRS, Avril 2006, n° 107, pg. 10 a 18
- LAFRANQUE, Marie. *Les idées esthétiques de Federico García Lorca*. Paris: CNRS, 1967.
- LEIBENSON, Claude. *Federico Garcia Lorca: Images de feu, images de sang*. Paris Harmattan, 2006.
- LORCA, Federico García. *Obras Completas*. Madrid: Ed. Aguilar, 1965.
- LORCA, Federico García. *Bodas de Sangue*. São Paulo: Ed. Victor Civita, 1984.
- LORCA, Federico García. *Yerma*. Trad. Marcus Mota. Brasília : Ed. Universidade de Brasília : São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- LORCA, Federico García. *Conferências*. Trad. Marcus Mota. Brasília : Ed. Universidade de Brasília : São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- SPINEDI, Carlos. "Lorca, Elytis et la méditerranée » in *ΔΥΧΝΟΣΣ Connaissance Hellénique*. Aix-en-Provence, N ° 81 - octobre 1999, p. 17 a 25.